

Apresentação – Dossiê: Judaísmo: religião, cultura, nação



DOI – 10.5752/P.2175-5841.2018v17n52p5

Horizonte, v. 17, n. 52, jan./abr. 2019

Dossiê: Judaísmo: religião, cultura, nação

Dossier: Judaism: religion, culture, nation

Carlos Frederico Barboza de Souza *

O Judaísmo é uma tradição rica e antiga, forjada, inicialmente, em vastos territórios do Oriente Médio e com uma história particular, marcada por seu processo de se constituir como povo. Tradição rica em seus costumes, festas, vestimentas, músicas e culinária, fortemente alicerçada na memória narrada, ritualizada e transmitida de geração em geração, sua presença, ainda hoje, é sentida em nossas sociedades. Seja pelos rastros históricos que nos legaram, seja pelas pegadas que deixaram em diversas tradições, sobretudo, o cristianismo e o islamismo.

Devido à sua riqueza, gerou e ainda gera uma série de pesquisas, análises e produção, tanto científica quanto artística. Os estudos a seu respeito tangenciam diversas ciências, tais como a história, a sociologia, a antropologia, a psicologia, a política, dentre outras, além de expressar diversas perspectivas filosóficas e teológicas singulares e que também, de alguma maneira, deixam seus vestígios no chamado Ocidente.

Ademais, para além da diversidade de abordagens científicas, ao nos aproximarmos do Judaísmo nos deparamos com uma diversidade de temáticas e épocas estudadas, como o antigo Israel, a *Torah* e suas demais Escrituras; o judaísmo rabínico e o Talmude; as Revoltas Judaicas do início de nossa era e sua presença na Europa Medieval e Moderna, que permitirão o estabelecimento dos

* Doutor e mestre em Ciência da Religião pela UFJF. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas.
País de origem: Brasil. E-mail: fred@pucminas.br

Sefaradis e dos Ahskenazis, do Zohar, da Cabala e do Hassidismo, apresentando figuras como Maimônides, Isaac Lúria, Spinoza, Baal Shem Tov e Theodor Herzl, dentre outros. E na contemporaneidade, não poderíamos esquecer o terrível holocausto, com seus milhões de vítimas, das quais os judeus representam uma parte significativa, e a criação do Estado de Israel. No holocausto, nomes como Anne Frank e Etty Hillesum foram silenciados. E outros, como Victor Frankl, sofreram horrores.

Ainda assim, no seio da comunidade judaica surgiram pensadores como Emmanuel Lévinas, Martin Buber, Gershom Scholem e Abraham Heschel, para mencionar apenas alguns, além de pensadores como Karl Marx, Sigmund Freud e Albert Einstein. E, no Brasil, podem-se mencionar nomes como Clarice Lispector, Moacir Scliar, Nilton Bonder e Henri Sobel.

Neste dossiê que a HORIZONTE lança, busca-se dar proximidade a esta rica tradição. Trazemos diversos artigos que querem, ao pinçar aspectos variados do Judaísmo, apresentar algumas de suas dimensões.

O **Editorial**, assinado por Catherine Chalier, professora emérita de filosofia na Universidade Paris Ouest Nanterre La Défense, faz uma bela reflexão a partir de um vocábulo que congrega e orienta diversas expressões do Judaísmo: a esperança. Inicia sua reflexão partindo de um texto associado ao profeta Jeremias, as *Lamentações* (Lm 3, 21-24), por meio do qual ele anuncia – mesmo em meio à tragédia do Exílio, da destruição decorrente dos conflitos inerentes a esse processo e o sentimento normal de desesperança que pode surgir nestas ocasiões – que sua esperança se liga à bondade (*hesed*, em hebraico) do Eterno, que significa “um dom de amor incondicional, um dom que se renova a cada dia, no mais íntimo de cada criatura”. A esperança, neste sentido, tanto na ótica de Jeremias quanto na da *Torah* em geral, é pensada e provada “não como garantia de uma finalidade feliz, mas como uma proximidade reencontrada com esse ponto de bondade pré-original”, mesmo em meio a um mal terrível, esmagador e angustiante. E este mal nunca está no mesmo nível do Bem; nunca lhe é semelhante ou igual, mas está

sempre abaixo, como afirmaria Lévinas em *Humanisme de l'autre homme*. É assim que o Judaísmo, cuja revelação feita a Israel diz respeito a toda humanidade, pode afirmar e ensinar “que, para conseguir cada dia mais uma vez, e especialmente, é claro, quando a fadiga, a confusão e a tristeza correm o risco de ganhar sua aposta destrutiva, é aconselhável continuar, dia após dia, mantendo o ouvido aberto às palavras ‘era bom’ (tov), enterradas no mais secreto de nosso psiquismo”.

O primeiro artigo do **Dossiê**, de autoria de Leonardo Pessoa da Silva Pinto, intitulado *Lo Shema e la devozione a una sola divinità*, discute o significado original da fórmula do *Shema* no livro do Deuteronômio (Dt 6,4-5). Sua pergunta principal investiga se este termo – juntamente com as implicações nele contidas – é, inicialmente, uma confissão de fé monoteísta ou se esta concepção é devedora de uma reinterpretação do texto bíblico, de sua recepção na cultura e literatura posterior. Para enfrentar esta pergunta, o artigo se concentra tanto no estudo linguístico de Dt 6,4, como em todo o capítulo 6 deste livro, acercando-se da cultura do Oriente Próximo Antigo nele presente, assim como sobre a história da religião de Israel e sobre a datação de Dt 6,4-5. Este estudo indica que a fórmula do *Shema* presente em Dt 6,4-5 não exclui a existência de outros deuses, concluindo que ele “muito provavelmente não era originalmente uma proclamação de fé monoteísta, mas um chamado à monolatria, ao culto e devoção a uma só divindade, o Deus de Israel”.

Já o artigo de Mariano Alejandro Troiano, *Conocimiento oculto: lo apócrifo, entre los textos gnósticos y heresiológicos*, busca discutir a noção de “apócrifo” em sentido amplo, abarcando tanto a noção original de “oculto” como a perspectiva posterior de “extra canônico”. Pautado na metodologia dos estudos cognitivos e do historicismo cognitivo, procura demonstrar que, apesar de terem sido “deixados de fora do cânon” por lideranças religiosas judaico-cristãs, “e, portanto, não determinantes para a história e a teologia, são em realidade indispensáveis para a compreensão do processo de formação do dito cânon”. Além disso, estes textos guardam concepções e ideias que pertenceram a determinados grupos judeus e cristãos que “foram deixados de lado” quando do estabelecimento de um conjunto

de textos que se constituíram com “certa autoridade normativa” para estas comunidades.

O terceiro artigo do dossiê, de Daniela Susana Segre Guertzenstein, *Feminilidade e lágrimas na literatura clássica, na Bíblia hebraica e na literatura rabínica*, investiga “personagens masculinos e femininos em diferentes literaturas para analisar a figura feminina e o choro maternal na Bíblia Hebraica e na literatura rabínica (judaísmo)”. Como “a literatura hebraica rabínica transmite tradições de práticas socializantes”, entende-se que ela propicie a construção de arquétipos de gênero, determinando, assim, “modelos sexistas específicos religiosos e seus padrões sociais”. Com isto, este artigo tem como objetivo “apresentar versículos bíblicos hebraicos e a exegese rabínica dos textos que tratam do choro maternal”, incitando à reflexão “sobre a simbologia do choro maternal como padecimento sagrado, como um ato altruísta, que em várias religiões, doutrinas e culturas, transcendem a própria maternidade percebida como sacrifício”.

Assinado por Cesar Motta Rios, o quarto artigo do dossiê, cujo título é *A exegese de Fílon de Alexandria e o peculiar caso de Noé como Deucalião*, apresenta Fílon de Alexandria “como um exegeta inserido em seu tempo”. Distanciando-se da concepção que entende Fílon como hermeneuta imaginativo e descuidado, o artigo propõe-se a pensar este autor, “a partir de uma pesquisa bibliográfica abrangente e estudo de fontes primárias em suas línguas originais”, como “dotado de recursos”. E faz isto a partir de um caso específico: “a identificação que Fílon faz entre Noé e Deucalião em *Sobre Penas e Recompensas* 23”. Assim sendo, procura compreender como este tipo de procedimento incomum se insere no corpus filoniano na perspectiva de uma intencional associação entre personagens históricos.

Com *As cartas de Tell el-Amarna e o tráfico de mulheres em Canaã*, de José Ademar Kaefer, o quinto artigo do dossiê aborda as “transações internacionais que envolviam vidas” a partir das cartas encontradas em Tell el Amarna. Neste sentido,

percebe nas “entrelinhas das cartas” como “funcionava o tráfico de mulheres de Canaã para o Egito” na Era do Bronze Tardio. Sobretudo, a partir de duas situações que possuem suas especificidades: “o tráfico de mulheres entre o Egito e os grandes reinos, como Assíria, Babilônia e Mittani”; e o “tráfico de mulheres das cidades-Estado de Canaã para o Egito”. No primeiro caso, o tráfico acontecia através de “alianças entre os reis e que envolviam o casamento com as filhas da realeza”. No segundo caso, o tráfico ocorrerá por meio do “envio de mulheres (adolescentes) das cidades-Estado para o Egito” ou por meio de uma operação de “compra de mulheres como mão de obra especializada”.

O sexto artigo do dossiê intitula-se: *Abraham J. Heschel e a mística do pathos divino* e foi escrito por Edson Fernando de Almeida. Nele, o autor afirma que a categoria de *pathos* divino vai assumir em Abraham Heschel “sua expressão mais forte”, pois o “profeta não tem ideias e conceitos sobre Deus”, mas sofre sua ação transitiva que não se equipara a uma fusão com Ele, mas a ser “afetado pelo *pathos* de Deus”. Assim, sua concepção de mística não será “unitiva propriamente, mas uma mística simpatética, que se traduz como resposta humana às dores de Deus nas dores do mundo. O que testemunham os profetas não é a essência do divino, mas seu *pathos*, sua concernência com a miséria humana”.

Kenner Roger Cazotto Terra, com seu artigo *Judaísmo enoquita: pureza, impureza e o mito dos vigilantes no Segundo Templo*, é o sétimo texto de nosso dossiê. Nele, o autor se propõe a “discutir as categorias de ‘pureza’ e ‘impureza’ como instrumentos de estruturação da realidade e construção de identidades, no contexto do judaísmo enoquita, no período do Segundo Templo”. Para isto, dedica-se a investigar “o Mito dos Vigilantes, narrado no Livro dos Vigilantes, que compõe a literatura apocalíptica de 1Enoque (1-16)”, que influenciou outros movimentos religiosos, inclusive, “os cristianismos dos primeiros séculos”.

Com *As Montanhas se desfarão: sincretismo imagético na apocalíptica judaico-zoroastrista*, Raul Vitor Rodrigues Peixoto assina o oitavo artigo do dossiê, no qual visa “comparar duas paisagens apocalípticas cujas semelhanças acabam

por saltar aos olhos apesar de pertencerem a tradições religiosas distintas”: o “Aplainamento da Terra”, presente na apocalíptica judaica e na zoroastrista. Traz a temática das Montanhas em diversas fontes, como as “poéticas, proféticas e cosmogônicas, tanto zoroastristas como judaicas”, buscando compreender a forma com que estes acidentes geográficos foram tratados.

O nono artigo do dossiê nos é oferecido por Cristiano Camilo Lopes e se intitula *O gênero apocalítico na literatura judaica intertestamentária: reflexões à luz da teoria literária em diálogo com a teologia*. Nele, o autor “propõe-se discutir a formação, composição e características do gênero apocalítico”, orientando-se pela “Teoria Literária e os estudos da Teologia e da Hermenêutica” e estudando-a em sua relação com “o contexto histórico do Período Interbíblico (aspectos sociais, culturais e religiosos), com vista a observar sua relação com a configuração interna do gênero apocalítico (texto-contexto, forma, conteúdo, função)”.

Procurando discutir e analisar “a identidade religiosa judaica a partir do marco da diáspora que originou comunidades novas, marcadas por diferenças linguísticas, religiosas, históricas e culturais”, Júlia Calvo e Amauri Carlos Ferreira escrevem o décimo artigo do dossiê, intitulado *Da identidade religiosa: a singularidade judaica em Belo Horizonte em tempos de migração*. O percurso é feito a partir de uma análise histórica, que identifica uma “diversidade de povos migrantes judeus de diversas partes do país” que se instalaram na cidade de Belo Horizonte. No início, período de formação da comunidade, “prevaleceram os judeus migrantes do Leste europeu responsáveis pelas primeiras organizações religiosas e comunitárias”, sendo seguidos, na década de 30, com o aumento do antissemitismo europeu, por outro grupo, que aportou novas contribuições “ampliando a influência cultural e política evidenciando uma singularidade no modo de ser judeu”.

O décimo primeiro artigo, *Diálogos e tensões no judaísmo no período helenista*, assinado por Solange Maria do Carmo e Aíla L. Pinheiro de Andrade, aborda “o conceito, o surgimento e os tipos de diásporas judaicas com enfoque

especialmente no período helenista”, indicando, inclusive, a forma diferenciada com que a cultura helenística foi recepcionada pelos judeus: no Egito, sob o “domínio dos Lágidas, mantiveram um fecundo diálogo com a cultura grega, assimilando-a e aproveitando-a para difundir seus escritos”; nas terras de Israel, sob o “domínio dos Selêucidas, da Síria, rejeitaram fortemente a cultura helênica imposta pelos dominadores”, que lhes ameaçava a identidade. “Do encontro e do confronto das culturas judaica e helênica, surgiu fecunda produção literária, seja de apoio ao helenismo (literatura de justificação) ou de rejeição a ele (literatura de resistência)”.

Por fim, nosso dossiê traz o artigo *Peregrinação e santuário: reflexões teológicas na Bíblia hebraica*, de Adriani Milli Rodrigues. Tendo em mente que um dos principais antecedentes históricos e religiosos para o turismo religioso é a peregrinação, prática destacada particularmente na tradição judaica, o presente artigo tem como objetivo “explorar os contornos teológicos da peregrinação no contexto da Bíblia Hebraica, mais especificamente nos livros de Gênesis, Êxodo e Salmos”. Com este intuito, o autor, pautado nos conceitos de tempo, espaço e liminaridade, dá início ao seu texto identificando os “padrões de peregrinação nas narrativas patriarcais de Gênesis”, para, em sequência, explorar “o paradigma da peregrinação na narrativa de Êxodo”. Por fim, “discute as festas de peregrinação e o uso litúrgico de Salmos”, concluindo que pela “qualidade espiritual da peregrinação na tradição judaica, cujo clímax é a experiência religiosa de Deus no templo”.

A seção de **Temática Livre** oferece sete artigos com temáticas diversas. O primeiro artigo é *Entre a parábola e o conto: Jesus, um contador de histórias*, de Levi Fernandes Leonido da Silva, João Bartolomeu Rodrigues e Elsa Gabriel Morgado. Neste artigo, os autores defendem a ideia de que “Jesus foi um verdadeiro contador de Histórias” a partir da narrativa lucana de 15, 11-32, “conhecida tradicionalmente por parábola do Filho pródigo”. Além disso, afirmam que este texto “não é propriamente uma parábola, pois assume os contornos formais de um conto, podendo-se nela encontrar as características centrais do gênero literário ‘o conto’”.

Com *Um palco de tensões e disputas: tempo presente e lembranças do passado no evangelho de Marcos*, Daniel Brasil Justi, André Leonardo Chevitarese e Lair Amaro dos Santos Faria trabalham o “tema da memória e suas relações entre passado e presente” a partir do evangelho de Marcos, sinalizando a “interação constante entre memórias pretéritas e construções de memória no tempo presente”. Desta maneira, “novos horizontes se abrem no campo de estudos sobre os textos que compõem o Novo Testamento quando se dialoga com a psicologia e com as pesquisas sobre memória”. Aplicando “o postulado de D. L. Schacter acerca das adaptações que se realizam nas lembranças do passado para que estas atendam às necessidades do presente ao evangelho de Marcos”, os autores concluem que, no processo de redação desse evangelho, seu autor “reescreveu as tradições recebidas de forma que elas respondessem a questões que se lhes faziam no presente”.

O terceiro artigo da seção de Temática Livre, *Deus e Darwin nos tribunais: a controvérsia criação-evolução na arena jurídica dos tribunais estadunidenses*, nos é oferecido por Roney de Seixas Andrade. Com ele, o autor tem como objetivo “analisar os principais casos jurídicos das cortes estaduais e federais dos Estados Unidos que envolveram a histórica e controversa disputa entre criacionistas e evolucionistas naquele país”. No longo processo analisado, pode-se observar, por um lado, “o deslocamento do ponto de aplicação da religião a qual paulatinamente foi perdendo para a ciência seu lugar proeminente como exclusiva reserva de sentido válida para explicar a realidade das coisas”. Por outro lado, também se observa “uma tendência de politização da religião bem como uma tendência de judicialização nas relações e nas articulações entre religião e ciência”.

Formas de resistência da religiosidade, da memória e da cultura negra no Amapá: o caso da comunidade quilombola de Mel da Pedreira, de Elivaldo Serrão Custódio e Oneide Bobsin, é o quarto artigo da seção de Temática Livre, cujo objetivo é “refletir sobre as formas de resistência da religiosidade, da memória e da cultura negra da Comunidade de Remanescente de Quilombo Mel da Pedreira, localizada no município de Macapá, estado do Amapá”. Esta comunidade se

singulariza por ter se identificado, em sua história, pela religiosidade de matriz afro-ameríndia e, posteriormente, pela protestante. Sendo parte de um capítulo de uma tese doutoral, e se orientando metodologicamente como “um estudo etnográfico de natureza qualitativa que adotou a pesquisa bibliográfica, a análise documental, a entrevista semiestruturada e ação colaborativa (pesquisa-ação)”, a pesquisa levada a cabo indica que “embora essa comunidade quilombola apresente princípios protestantes em sua forma de vida, nos hábitos e nos costumes, há evidências de resistência de religiosidade afro-ameríndia em suas manifestações religiosas”.

Com uma perspectiva semelhante no sentido de uma análise sociorreligiosa de mudanças ocorridas em um determinado ambiente, *No Combustível da fé: mudança socioeconômica e rearranjo religioso em Macaé* – RJ, Leonardo Gonçalves de Alvarenga e Fábio Py Murta de Almeida têm como objetivo “analisar as mudanças socioeconômicas ocorridas na cidade de Macaé a partir de 1980 e seus efeitos sobre o campo religioso, com foco nos evangélicos e nos sem religião”. Utilizando-se de uma metodologia que trabalha com dados quantitativos do IBGE, debruçam-se num “campo religioso complexo, que está diretamente relacionado à chegada da Petrobras na cidade de Macaé, inaugurando uma nova era na região”: há um “desenvolvimento urbano”, novas relações econômicas, “fazendo com que as instâncias religiosas fossem reorganizadas em uma nova configuração do campo religioso macaense”. Para tal argumentação os autores se baseiam “no pensamento social de Danièle Hervieu-Léger, quando reconhece que a modernidade e a urbanização se relacionam diretamente com as mudanças e as novas modulações sociorreligiosas”.

Em *Paul Ricoeur e a lógica do perdão*, Walter Ferreira Salles reflete “sobre a lógica do perdão como manifestação da justiça a partir da contribuição filosófica de Paul Ricoeur” e “sobre o papel da Tradição cristã nas leis e na política a partir da perspectiva da justiça”. Para tanto, sua reflexão se articula ao redor de três pressupostos: “a lógica do perdão está para além do esquecimento e da vingança; [...] o perdão se insere na perspectiva do dom e da gratuidade; enfim, a ideia de

reabilitação do ser humano capaz de ser bom e justo”. Desta maneira, entende-se que “esta é uma maneira de dar sentido ao discurso religioso em nossa cultura secular”.

Por fim, Leno Francisco Danner, Agemir Bravaresco e Fernando Danner, com *Universalismo entre religiões e modernidade: a fundamentação do universalismo epistemológico-moral por meio da cooperação entre razão e religião*, propõem desenvolver “uma crítica à noção de modernidade ou racionalismo moderno”, noção esta que possui as marcas da “ideia de uma autonomia e de uma autossuficiência da razão” no que diz respeito à “fundamentação de um universalismo epistemológico-moral” que prescinde da religião e da metafísica. Com isso, argumenta-se em favor de um “universalismo político-religioso que aponta para a incapacidade dessa noção [...] de razão em gerar e sustentar, sem o próprio trabalho de fundamentação e de aplicação metafísico-religioso, um conteúdo universal de direitos humanos”.

A seção de **Comunicações** oferece, no primeiro texto, de Ênio José da Costa Brito e Claudio Santana Pimentel, uma *Relação de dissertações sobre temática afro-brasileira*. A segunda comunicação, assinada por Edimar Inocêncio Brígido, apresenta *A perspectiva teológica do aborto: entrevista com Dom Ricardo Hoepers*.

Como em outros números, a Horizonte traz resumos de dissertações e teses defendidas recentemente em Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião. E também algumas resenhas de livros relacionados à área.

Por fim, cabe-nos desejar que todos e todas façam bom proveito desta nova edição da HORIZONTE – revista de estudos de teologia e ciências da religião. E que nos ajudem a propagar os textos publicados, favorecendo, assim, que os mesmos possam ser lidos e debatidos, propiciando uma maior difusão e um desenvolvimento do conhecimento acadêmico.